

---

**A TÉCNICA**

---

**DA OBSERVAÇÃO**

---

**NAS CIÊNCIAS HUMANAS\***

---

---

Marcos Antonio da Silva\*\*

A observação constitui o principal modo de contatar o real, a forma de se situar, se orientar e perceber o outro, se auto-reconhecer e de como emitir conhecimento sobre tudo o que compõe o mundo material e o das idéias. Um dos maiores legados do desenvolvimento das ciências humanas e sociais ao longo do século passado é a convicção de que o ato de observar as pessoas contribui para compreendê-las. Observá-las brincando, trabalhando, conversando, silenciando, rindo ou chorando, tomando-as individualmente, como grupo ou multidão. Para alguns pesquisadores esse procedimento somente deve ocorrer em laboratório, enquanto outros defendem que em qualquer situação na qual seja adotado se deve preservar o âmbito no qual ela ocorra da forma mais “natural” possível.

Para alguns pesquisadores, e de conformidade com suas convicções, o objeto da investigação sob controle impede a eclosão de uma subjetividade comprometedora. Outros acham que o meio natural nem existe quando este se refere ao homem, porque de tão socializado e tão modificado por sua ação, já não se pode falar em natureza pura e simples. Mas todos concordam, em alguma medida, que observando as pessoas elas poderão contar quem são em seu cotidiano, como vivem em seus contextos, pelo que vivem e como se expressam, e em que e porque acreditam ou não em algo ou alguém, o que pensam do modo como vivem com elas mesmas e com os outros, quais os seus gostos, suas orientações e suas desordens e assim por diante.

É claro que a observação é uma característica humana que antecede a ciência moderna, enquanto ferramenta de sobrevivência e de aprendizado, portanto, preenche todos os campos da vida: a observação dos poetas, dos pintores, dos romancistas, dos cineastas, dos políticos,

dos publicitários, dos juízes, dos atores, das mulheres, dos vizinhos, dos idosos, dos padres e pastores, do pai, da mãe, das crianças, dos professores. Pode-se afirmar que tudo o que foi produzido e o ainda por vir a ser certamente decorre de uma série de observações, inicialmente, para mais adiante tornar-se algo relacionado às idéias (um conceito, uma teoria, uma regra, uma tendência, uma concepção, um paradigma) ou material (a tecnologia, objetos e formas variadas de uso e deleite).

Também se observam os animais e os objetos da cultura material, os elefantes e as estrelas, as centopéias e os átomos, as células e as ondas do mar. Mas observar os homens é bem diferente do que observar os outros seres e as outras coisas. É muito mais difícil, entre outros motivos, porque as pessoas observadas por sua vez também observam e podem, por exemplo, não querer ou não gostar disso. Ou podem dissimular a forma de ser e estar no mundo decorrente do momento em que se encontra e se percebe vigiada. Portanto, para observar os seres humanos é preciso ter, além de um apurado bom senso, critérios bem definidos, método e decorrentes técnicas e, principalmente, ética.

Segundo a ciência, para observar as pessoas, deve-se buscar a maneira mais correta de fazer isso, ter um método, que pode variar muito daqui e dali, mas é sempre necessário. Afinal, não se pode fazer observação de qualquer modo: é preciso parar e pensar sobre o que vai ser observado, por que vai ser observado e como vai ser observado. Também é preciso levar sempre em conta que o observado é um ser humano que precisa ser respeitado e protegido dos excessos de olhos curiosos e meticulosos dos cientistas, por isso a observação supõe sempre um problema ético. Nem todos precisam observar com método, mas certamente todos precisam preocupar-se com o cuidado e o respeito pelo ser humano observado.

Nesse artigo se discute algumas questões conceituais e metodológicas relativas à observação. Além de ser um procedimento científico, a observação é pensada aqui também como uma dimensão importante na formação do/a pesquisador/a e do/a professor/professora. Todo/a aquele/a que envereda pela investigação não pode dispor desta ferramenta. O professor é, sobretudo, aquele que olha atentamente para seus investigados/as e alunos/as na certeza de que estes têm sempre algo a revelar sobre si mesmos. Ninguém revela melhor ao investigador/a e professor/a sobre as dificuldades dos investigados/as e alunos/as do que os/as próprios/as.

Assim, é preciso aprender a observar. E, sendo capaz de observar bem, ser capaz de relacionar o fato observado com as teorias (desen-

volvidas por várias ciências que, de alguma maneira, são resultantes de anteriores observações) e que dia após dia com critérios bem definidos contribuirão para que outros tantos pesquisadores, professores ou pensadores atentos ao mundo a sua volta contribuam com suas diferentes óticas para desvendar outros tantos campos do conhecimento e assim fazer deste mundo um lugar bem mais agradável para a existência.

## A OBSERVAÇÃO COMO TÉCNICA

O ato de observar é fundamental para desenvolver as capacidades humanas, e na essência é o mecanismo que possibilita um ciclo de identificar, conhecer, reconhecer e proporcionar a síntese freqüente sobre o conhecimento dos fenômenos que nos cerca. Yuni e Urbano (2006, p.40), assinalam que:

*Nuestro cuerpo está habilitado para captar el mundo externo a través de la información que le aportan los sentidos. Esta información se internaliza y organiza el cerebro a través de la sensación, que nos permite decodificar el mundo en que vivimos y reconocerlo en términos de imágenes, sonidos, texturas, sabores y olores.*

Assim os sentidos delineiam cada ambiente e cada aspecto da cada cultura que existe, e contribuem para que os indivíduos se posicionem em relação ao significado, significante, signo, sinal e as representações que compõem as organizações sociais. Em termos de senso comum o cotidiano é perfeitamente percebido, decodificado e se constituem em referências do estar, do ser em relação a si mesmo e frente aos outros. Portanto, é fundamental para continuar a existir apuradas observações que permitem existir e transitar entre lugares comuns e complexidades, entre diferenças que compõem a natureza que a todos contem. Enfim, nas relações estabelecidas sempre se está a observar, mesmo sem uma intenção, sem uma premeditação.

Nesta direção, é fundamental diferenciar a *observação casual da científica*, porque aquela independe de procedimentos a serem validados e que se constituam em dados confiáveis para efeito de conhecer os fatos em sua dimensão de complexidade (VIANNA, 2003, p. 9). Porque é diferente a ótica daquele que somente se propõe a olhar, daquele que intenta conhecer as nuances da realidade. Ademais, o próprio ato de

observar, em sua dimensão de técnica científica, não se constitui em simples atividade e que se tem como alternativa de contornar problemas na obtenção de dados, mas o seu contrário. Enquanto instrumento metodológico, por excelência, requer que no processo de investigação não se descarte o grau de interferências a alterar, certamente, os cenários observacionais e as ações que lhes integram.

Para ser científica a técnica exige, desde a dilatação do tempo da investigação até uma meticulosa revisão teórica (VIANNA, 2003, p. 10), que resulte durante o processo de estudo, em medidas alternativas e que, necessariamente, não haviam sido previstas, e quando de sua conclusão, em procedimentos de análise de conteúdo (que possibilite a validação dos resultados obtidos). Esta atividade antes de tudo carece de simulacros sobre o que se quer conhecer, e deve levar em consideração as características próprias daqueles que integram a realidade investigada. Não são poucos os limites e, decorrentes, riscos de enveredar pela adoção de procedimentos de observação e que podem comprometer à aceitação dos relatos que resultam de seu emprego. Portanto, a necessidade de antes de iniciar a pesquisa, partir para um detalhado estudo sobre o emprego da técnica, que implica em saber: o que? Como? Quando? Por quê? Quem? E, o que observar?

Conforme Gil (1999, p. 110), a observação é um “[...] elemento fundamental para a pesquisa [...] chega a ser mesmo considerada como método de investigação.”, devido aos graus de exigência e que requer estar precisamente definida em termos de procedimento. Mas, enquanto técnica implica em

*[...] coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na atenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos e ou fenômenos que se deseja estudar (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 90).*

E não se reduz o grau de exigências para que seja o mais precisa possível. É reconhecida como técnica básica na pesquisa de campo (ITURRA, [198-?], p. 157) enquanto fator primordial na investigação social. Porque permite identificar e “[...] obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam o seu comportamento [...]”, e nesse sentido mais aproxima o investigador da realidade. Mas, que exige do investigador cui-

dados especiais, a começar pela condição de que todo aquele se dispõe ou que participa na vida da população que estuda tem a “[...] tendência espontânea para acreditar no que as pessoas lhe dizem [...]” (ITURRA, [198-?], p. 157).

Se por um lado, o ato de observar exige que se utilizem os sentidos para obter conhecimentos sobre os fatos, por outro somente se atinge a dimensão científica se atender ao objetivo de uma pesquisa que implique planejamento sistematizado e cujos resultados podem ser verificados, controlados e que se submetam a critérios de validação (SELLTIZ *apud* GIL, 1999, p. 110). Significa que, enquanto técnica prevista na investigação, há de se propor regras (critérios) para não ocorrer polarizações (difíceis de ser superadas, porque ocasionam a perda da objetividade) ou “conduções” (manipulações) em relação aos resultados.

Marconi e Lakatos (1999) assinalam como vantagens da observação os seguintes fatores: contempla a abrangência dos fenômenos, fácil de ser empregada, a coleta de *atitudes comportamentais simples*, não depender de *introspecção e reflexão*, portanto, possibilita a evidência de fatos não contemplados por outras técnicas. Aonde os fatos “[...] são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação [...]” (GIL, 1999, p. 110), com a minimização da subjetividade (se criteriosamente delineado). E, sobre os limites, Marconi e Lakatos (1999) assinalam: tendência de julgar os fenômenos a partir da ótica do observador (tendência a olhar os fatos pela própria cultura), devido a outras ocorrências não presenciadas (o tempo reservado para a investigação), a imprevisibilidade de fatores, a variabilidade de acontecimentos e *aspectos da vida cotidiana não acessível* (e ocultado pelos observados) no momento em que o estudo se processa.

## MODALIDADES DE OBSERVAÇÃO E SUAS CARACTERÍSTICAS

### Assistemática

Gil (1999), denomina a observação assistemática como *simples* e atribui como sua característica primordial a condição de pesquisador tornar-se *alheio* (ser espectador, o que nem sempre é tarefa fácil de cumprir) ao indivíduo ou grupo que se pretende investigar, que observa, mas de forma espontânea. Conforme Marconi e Lakatos (1999, p. 91), admitem que se caracteriza como uma atividade não estruturada e conhecida também pelas seguintes denominações,

*[...] espontânea, informal, ordinária, simples, livre, ocasional e acidental [e] consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais [...] mais empregada em estudos exploratórios [sem] planejamento e controle previamente elaborados.*

E que depende do observador, da sensibilidade em captar os fenômenos do entorno, de sua “[...] perspicácia, preparo e treino, além de ter uma atitude de prontidão [...]” (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 91-92), em outras palavras, *saber o que vai ser observado*, aproveitar a ocasião, mas sem deixar de atentar para a importância do uso das informações (ótica de investigador) e ter o cuidado de manter os registros o mais próximos da realidade observada.

Conforme Gil (1999, p. 112), esta modalidade é mais adequada se “[...] dirigida ao conhecimento de fatos ou situações que tenham certo caráter público, ou que pelo menos não se situe estreitamente no âmbito das condutas privadas [...]”, o que possivelmente implicaria em adotar a técnica da *observação participante*, conforme critérios tratados mais adiante neste texto.

Também conhecida como não-estruturada, embora não se descarta uma quase-estrutura, ao se considerar que: “[...] Se ela se pretende científica, se baseia em uma hipótese, mesmo que menos explícita [...] o pesquisador não está sem segundas intenções ainda que queira evitar os *a priori*. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 178). Significa que em alguma medida tem-se que ter alguma referência para que possa se constituir em técnica, assim, científica.

## Sistemática

Por exigir instrumentos para acessar as informações, naturalmente é estruturada, portanto, denominada de *planejada e controlada*, conforme Marconi e Lakatos (1999). O controle é sua principal característica, mas sem resvalar por demasiado rigor. Promove a objetividade no processo de coleta de dados e contribui para evitar a influência do investigador. E pode utilizar recursos no processo de observação que podem ser desde “[...] quadros, anotações, escalas, dispositivos mecânicos [...]” (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 92), e outros conforme o contexto a ser investigado.

Para Gil (1999), adotar a observação sistemática implica em “[...] estabelecer, antecipadamente, as categorias necessárias à análise

da situação [...]”, o que requer um estudo exploratório sobre o que se pretende conhecer (em profundidade) e carece de ocorrer à aceitação do investigador por parte do grupo investigado quanto ao que se quer obter como resultados da pesquisa.

Ao se adotar esta técnica ela deve ser “[...] orientada por uma preocupação definida de pesquisa, e que essa busca, seja também, organizada com rigor [...] O pesquisador deve principalmente estar atento a tudo o que diz respeito à sua hipótese e não simplesmente selecionar o que lhe permitiria confirmá-la”. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.182). Ou seja, atentar aos contrapontos para que o caráter científico continue manifesto.

### Não-Participante

No emprego desta técnica o pesquisador *permanece de fora* da realidade estudada (também denominada observação passiva), ou seja, conforme Marina e Lakatos (1999, p. 92), o observador:

*[...] presencia o fato mais não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador [...] [porém] consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático.*

No entanto, evitar uma aproximação com o grupo estudado não elimina a condição de envolver-se com o objeto da investigação, haja vista que a escolha do que *é/será* investigado por si só já implica em tomada de posição pelo investigador.

### Participante

Conforme Iturra ([198-?], p. 149), a observação participante “[...] é o envolvimento directo que o investigador de campo tem com um grupo social que estudo dentro dos parâmetros das próprias normas do grupo [...]”. Pressupõe o envolvimento do investigador com a realidade investigada e inclui a participação nas atividades da comunidade investigada, como um de seus membros. De certa forma, ocorre o comprometimento da objetividade, devido à mútua influência, por simpatias, pelo contraponto entre referências de quem observa e dos que são observados (MARCONI; LAKATOS, 1999). O mundo social deriva das experiências vividas pelos que dele participam e desse modo

não é objetivo por conta de seus vários significados, nesta direção é que Burgess (1997), afirma o investigador como o principal instrumento da investigação, porque a ele cabe tomar as decisões para que os resultados sejam validados cientificamente.

A observação participante pressupõe o

*[...] envolvimento que despe o investigador do seu conhecimento cultural próprio, enquanto veste o do grupo investigado; é o exercício que tenta ultrapassar o etnocentrismo cultural<sup>1</sup> espontâneo com que cada ser humano define o seu estar na vida [...]* (ITURRA, [198-?], p. 149)

Porque é uma técnica qualitativa, implica em possíveis limitações, caso o investigador não estabeleça *fronteiras* quanto ao encaminhamento do estudo e há de se reconhecer que, de certa forma, que senão integrante da comunidade investigada sempre será um *estranho* no grupo e que tem objetivos para diante de *apresentar encaminhamentos* para a realidade investigada, que no mínimo consiste em ampliar a sua trajetória de pesquisador. E, além do mais, sempre estará condicionada ao *acolhimento*, por parte dos investigados (ITURRA, [198-?]).

Gil (1999, p. 113) estabelece duas formas distintas de observação participante: “[...] (a) natural, quando o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga; e (b) artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação [...]”, neste caso mais sujeitado a maiores restrições (os limites de aceitação de acordo com o que será investigado e as conseqüências da investigação).

É uma modalidade que exige uma permanência do investigador junto ao investigado e em que os

*[...] observadores participantes tipicamente buscam mergulhar na totalidade do fenômeno sob estudo. Podem tentar observar todos os grandes eventos que estão ocorrendo, falar com o maior número de participantes possível, e assim por diante. No entanto, obviamente ninguém consegue observar tudo; alguma seletividade é inevitável. Se tal seletividade for incontrolada, há o risco de reunir um conjunto de observações tendenciosas [...]* (BABBIE, 2003, p. 156).

## Individual ou em Equipe?

A observação individual promove a subjetividade, embora não se descarta quem admita o contrário, independente destas alternativas pode acarretar inferências mal sucedidas e distorções nos resultados ([198-?], p. 149), por isso é mais aconselhável que se realize em equipe, que ao submeter o fenômeno a mais de um olhar e, conseqüentemente, a mais de um ponto de vista, possibilita o confronto dos dados (MARCONI; LAKATOS, 1999). E, neste caso, elimina o risco de incorrer em limites de grau de importância e valores decorrentes de uma visão unilateral.

## Na Vida Real ou Laboratório?

A observação da vida real (fatos do cotidiano) é quando se obtém registros coletados no ambiente e como estes ocorrem, de forma espontânea, sem prévio planejamento (MARCONI; LAKATOS, 1999), em sua dimensão *natural*. Já em laboratório é quando a informação pretendida visa “[...] descobrir a ação e a conduta que tiveram lugar em condições cuidadosamente dispostas e controladas. Entretanto, muitos aspectos importantes da vida humana não podem ser observados sob condições idealizadas no laboratório” (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 94), por se apresentar como *artificial* exige que se estabeleçam condições “[...] o mais próximo do natural, que não sofram influências indevidas pela presença do observador ou por seus aparelhos de medição e registro.” (MARINA; LAKATOS, 1999, p. 94), conforme os instrumentos utilizados possibilitam observações *mais refinadas* e desde que possíveis de ser validadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez definido o tipo de observação que se quer adotar, é preciso estabelecer os cuidados metodológicos e éticos a serem seguidos. O observador precisa preparar-se para observar bem, o que requer preparação rigorosa e muita atenção com as pessoas envolvidas. Só se justifica “entrar” nas situações de vida das pessoas, o que implica em compartilhar momentos da vida dela e até mesmo “retirar” algo delas, se estiver convencido dos motivos pelos quais deve fazer isso (se trará mais benefícios do que riscos) e de que está tomando todo o cuidado para preservar as pessoas observadas.

Em tempos de câmeras filmadoras espalhadas por toda parte e de programas de televisão como os *reality shows* (*Big Brother*), tanta preocupação parece excessiva, uma vez que milhares de pessoas “observam” o cotidiano de algumas, ultrapassando em muito os limites da privacidade e da intimidade do outro. Mas é exatamente porque se vive em um mundo assim é que se necessita cuidar mais para desenvolver uma observação atenta, cuidadosa e respeitosa com as pessoas observadas.

Para tanto, é importante que o pesquisador entenda que ele deve se preparar bem para desenvolver um olhar atento na observação. Além disso, deve reconhecer que, como observador, ele tem um olhar *ativo*, e, assim, prestar sempre atenção nas possíveis interferências de seu olhar sobre o que está observando. É sabido que os preconceitos e as opiniões orientam o olhar do observador a ponto de obscurecer ou de supervalorizar ou subestimar determinados aspectos da realidade, o que pode comprometer a observação. A única maneira de lidar com isso, já que é ilusório supor uma postura de neutralidade, é refletir bastante sobre o que está em causa em um processo de observação, não apenas com relação ao observado, mas como ser um observador. Entender isso é fundamental para a adoção dessa técnica.

## THE TECHNIQUE OF OBSERVATION IN THE HUMANITIES

*Abstract: the paper focuses on the observation of their daily use, ownership of the real, as a tool for knowledge production. Highlights its use as a technique is to a large contribution to research in the humanities. Cautioned that its use requires methodological care, new procedures, the common sense and established criteria, resulting in method and techniques, and especially ethical because the delicate complexity of the human condition in its various contexts. It outlines some of the main viewing modes and their characteristics. Concluded that the technique requires training by whomever is willing to use it as a resource for research and what it takes to let go of the optical to bring their own culture results more approximate reality.*

*Keywords: Observation. Reality. Limits. Technical Research.*

Nota

- 1 Considerar como referência a sua própria cultura e por isso julgar outras manifestações culturais com graus de importância e valores a partir de suas convicções e que contribui para comprometer as avaliações decorrentes.

## Referências

- BABIE, Earl. *Métodos de pesquisas de survey*. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Ed. da UFGM, 1999.
- BURGESS, Robert G. *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras, Portugal: Celta, 1997.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- ITURRA, Raúl. Trabalho de campo e observação participante em Antropologia. In: SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto, Portugal: Afrontamento, [198-?].
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. *A construção do saber*. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Ed. da UFGM, 1999.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- VIANNA, Heraldo Marelim. *Pesquisa em educação: a observação*. Brasília: Plano Editora, 2003.
- YUNI, José Alberto; URBANO, Claudio Ariel. *Técnicas para investigar: recursos metodológicos para la preparación de proyectos de investigación*. 2a ed. Córdoba, Argentina: Brujas, 2006.

---

\* Texto recebido em: 28.04.2013.

Aprovado em: 29.11.2013.

\*\* Professor da Unidade Acadêmico-Administrativa de Educação e do Mestrado em Ecologia e Produção Sustentável da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.  
E-mail: marcos.edu@pucgoias.edu.br.